

1

Introdução

Saber aprender é *fazer-se* oportunidade, não é só fazer oportunidade. Deixa-se de lado a condição de massa de manobra, objeto de manipulação, para emergir como ator participativo, emancipado. (...) Aprender é antes de tudo repelir a reprodução. Neste sentido é fenômeno sempre reconstrutivo e político. (Demo, 2001, p. 47)

O excluído precisa saber pensar sua própria história, para refazer-se como sujeito de suas soluções possíveis. Aprender é, no seu âmago, saber fazer-se sujeito de história própria, individual e coletiva. (Ibid, p. 51)

O desenvolvimento desta pesquisa foi motivado pela tensão que vivencio em relação ao papel atribuído à língua inglesa nos contextos de ensino-aprendizagem dos quais faço parte como docente. Ao mesmo tempo em que questiono o caráter superior ao qual essa língua está relacionada e o estabelecimento de modelos nativos a serem seguidos durante sua performance enquanto língua estrangeira, percebo minha busca paradoxal por tais ideais. Minha inquietude e curiosidade fizeram com que eu buscasse entender minha posição e minha atitude em relação a essas práticas complexas, assim como a de minhas colegas, participantes e colaboradoras dessa pesquisa. Resgatamos nossas memórias desde os tempos em que éramos alunas de curso de idioma e refletimos criticamente sobre nossas práticas atuais e, conseqüentemente, sobre nossos locais de trabalho e nossa formação continuada. As crenças que moldaram nossas percepções foram desenvolvidas com o tempo, através de nossas experiências de vida e contato com o idioma e com as concepções relacionadas ao papel da língua inglesa e dos países onde ela é língua nativa (L1). Estou ciente de que tratamos de

questões complexas e seus diferentes contextos de aplicação. Não busco uma fórmula ou uma resposta *certa* para as questões que elencamos durante esta pesquisa. Meu objetivo é, portanto, *entender* nosso posicionamento e o que nos motivou a agir de tal forma.

Esse trabalho está dividido em cinco capítulos: Introdução, Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise dos dados gerados nas entrevistas-conversas e Entendimentos. Na Introdução, delinco a pesquisa como um todo. Traço o panorama geral que norteou seu desenvolvimento, incluindo um resumo dos capítulos do presente trabalho. O capítulo 2, Fundamentação Teórica, consiste na apresentação do arcabouço teórico selecionado com a finalidade de analisar os dados construídos na pesquisa em questão.

Inicio traçando um breve histórico da evolução da língua inglesa (LI), desde, aproximadamente, 450 d.C. até o presente momento. Este panorama oferece um suporte para que possamos refletir e entender o atual papel que o inglês exerce em nosso mundo globalizado. A importância que lhe foi atribuída, porém, resulta, por um lado, em prestígio para seus falantes e, por outro, na projeção e na perpetuação de preconceitos étnicos e lingüísticos. Em algumas instituições de ensino de inglês como língua estrangeira (ILE), como, por exemplo, alguns cursos livres do idioma, trabalha-se o bilingüismo de maneira com que a L1 de seus alunos/falantes de inglês como língua estrangeira (ILE) não seja respeitada e que seus traços sejam apagados na produção da língua estrangeira (LE). Esta característica pode ser mais facilmente percebida na prática de alguns dos principais métodos e abordagens de ensino de ILE adotados – áudio-lingual e áudio-visual, por exemplo – e os materiais didáticos orientados por eles.

As crenças sobre ensino-aprendizagem e línguas presentes em tais contextos nortearam a formação de alguns dos atuais profissionais docentes de ILE, dentre eles, as participantes dessa pesquisa. O contato com tais crenças e com um novo idioma (estrangeiro) e sua cultura influenciaram a construção de nossas identidades sociais. Foram assim construídas nossas visões de mundo e nossas práticas profissionais.

No capítulo 3, apresento a metodologia adotada para a realização deste trabalho. Começo apontando os motivos pelos quais o mesmo está incluído na área da Linguística Aplicada (LA), justificando cada ponto apresentado. Mais adiante, evidencio o fato de tratar-se, também, de uma pesquisa de cunho qualitativo e participatório, uma vez que tem por objetivo entender suas participantes através da perspectiva das mesmas.

Este trabalho também é norteado pela Prática Reflexiva (PR) e pela Prática Exploratória (PE). Somos levadas a pensar criticamente sobre nossas práticas e perspectivas que assumimos ao nos inserirmos no contexto de ensino-aprendizado de ILE, assim como no contexto que vivenciamos para que pudéssemos chegar ao presente momento. Com isso, visamos ao mais claro entendimento do posicionamento identitário que assumimos com relação à questão central deste estudo.

Traço, assim, o perfil de nós três, professoras brasileiras de ILE e participantes da pesquisa, com envolvimento nas duas fases de entrevistas-conversas. Na primeira fase, nós, colegas participantes, resgatamos as nossas memórias e expressamos nossas reflexões acerca da formação que tivemos, assim como de nossas práticas docentes. Já na segunda fase, promovo duas entrevistas-conversas, nas quais interajo com as outras duas professoras colaboradoras separadamente. Esta fase foi idealizada com a intenção de buscarmos entender melhor nossas práticas e crenças, uma vez que retomamos os tópicos abordados na entrevista-conversa da primeira fase. Com ela, tivemos a oportunidade de refletir criticamente sobre nossa formação no que tange à LI, nossa postura em relação a esse idioma estrangeiro e o contexto em que nos inserimos.

Ao final deste capítulo, são, então, elencadas três perguntas de pesquisa que nortearão a busca pelo entendimento neste trabalho: “Por que ao produzirmos ILE, projetamos identidades que buscam apagar os traços de nossa L1?”; “Quais crenças norteiam nossa relação com o ILE?”; e “Como nossas crenças a respeito do uso de ILE podem ter sido construídas ao longo de nossa formação?”.

O capítulo 4, sobre a análise de dados, está dividido em três partes de geração dos primeiros dados. Na primeira, analiso a entrevista-conversa realizada

na primeira fase da pesquisa, na qual as três professoras participantes estão incluídas. Tópicos foram discutidos de acordo com uma primeira reflexão exposta pelas participantes. Nós descrevemos nossa formação, os contextos educacionais e profissionais em que nos encontramos e nossas próprias práticas docentes.

Na segunda etapa, analiso os dados co-construídos na entrevista-conversa realizada com Mandy, uma das professoras participantes, já na segunda fase da pesquisa. Mais adiante, verifico os dados obtidos na interação com a professora colaboradora Lucy, também decorrentes da segunda fase desse trabalho. Nesses últimos dois momentos, nós, professoras participantes, fomos levadas a refletir mais criticamente acerca dos temas que haviam sido tratados na entrevista-conversa da primeira fase.

Devido a termos pensado sobre os tópicos norteadores da entrevista-conversa da primeira fase novamente, acredito que pudemos comparar nossas visões de mundo de duas épocas distintas. Uma do primeiro ano do curso de mestrado e outra, do final do segundo ano. Percebemos que, apesar de algumas percepções terem sido modificadas, ainda lutamos contra alguns (pré-) conceitos que parecem estar internalizados em nós.

Pontuo, no capítulo 5, os entendimentos a que pude chegar através do desenvolvimento dos capítulos anteriores. Percebo que o posicionamento apresentado pelas professoras participantes é construído nos contextos que vivenciam. O *status* de língua internacional atribuído ao inglês, as crenças norteadoras da tessitura dos materiais didáticos adotados pelas instituições de ensino de ILE e da formação dos profissionais docentes de ILE, assim como a visão de língua adotada no contexto ensino-aprendizado, parecem ter influenciado (diretamente) não apenas nossa prática docente, mas também nossas identidades sociais, uma vez que nos percebemos como habitantes de um entre-lugar, na medida em que buscamos não ser reconhecidas como falantes de ILE. Desejamos apagar os traços de nossa L1, o português, na produção em LE.

Nos capítulos seguintes, portanto, aprofundarei a questão da influência que a língua inglesa exerce sobre as duas professoras participantes da pesquisa e sobre mim mesmo. Buscarei entender como fomos levadas a desenvolver e internalizar

nossas crenças e quais são elas, assim como a maneira com que as colocam em prática. Viso, também, a chegar a tais entendimentos através de um trabalho de reflexão crítica e em colaboração com minhas colegas colaboradoras.